



GNOSE

IGREJA GNÓSTICA DO BRASIL
TRADIÇÃO: HUIRACOCHA
PATRIARCA: TONAPA



ANO III - Nº. 30 Arcanjo da Estação Inverno: GABRIEL Setembro de 2005

A VOZ DO PATRIARCA

Minha Revista e Meus Livros

Admirei, sempre, o autógrafo de um célebre Rosa-Cruz, que viveu em meados do século XVIII, traçado em uma das suas obras e o recorde com complacência de quem desejaria fazê-lo seu e escreve-lo em tudo que lhe saísse da pena.

Hei-lo:

“Eu não escrevo para os exaltados que só se consideram a si próprios.

Eu não escrevo para os orgulhosos que depreciam tudo.

Eu não escrevo para os obstinados que só admitem as suas opiniões.

Eu não escrevo para os néscios destituídos de força interior.

Eu não escrevo para os que não têm critério próprio e são escravos de opiniões alheias e princípios dogmáticos.

Eu não escrevo para os engraçados que tudo ridicularizam.

Eu não escrevo para os gaiatos que riem de tudo.

Eu não escrevo para os visionários, porque vivem de exageros.

Eu não escrevo para os perversos, porque tudo encaminham para a sua perversidade.

Escrevo, ao contrario, para os serenos, para os justos e imparciais, para os silenciosos que meditam e procuram equanimemente a VERDADE. “

Quem ler meus livros leia-me e não a si próprio. Isto é, procure a parte recôndita, tácita, misteriosa, existente em meus trabalhos e coloque-se em harmonia com as minhas opiniões e não acastelados nas suas. Leia nas entrelinhas e não julgue a priori, levado por idéias preconcebidas e sim procure ligar sua alma com a minha e possa compreender-me. Não veja, apenas a estrutura externa, a figura, a forma, atinja a parte interior da VERDADE e a compare com a suprema VERDADE que a Natureza nos oferece.

Os que se sintam capazes de contestar meus escritos que o façam, mas verifiquem primeiro se me compreendem, perfeitamente; se penetraram no âmago das minhas teorias; se aprofundaram no mais íntimo e esotérico de minhas

Distribuição Interna Gratuita – Rua Sabóia Lima, 77 Tijuca - Tel.: 2254-7350 / 2569-5027

Rio de Janeiro – RJ Cep: 20521-250.

HOME PAGE: <http://www.fra.org.br/>

EMAIL: fraternitas@fra.org.br

exposições e, se o resultado for favorável, aguardem com paciência e procurem ver se essas leituras não fizeram brilhar uma centelha de luz. Se esta surgiu como uma mariposa de asas douradas, esforce-se para que surja uma segunda, uma terceira, esgotando toda a luz que exista em seu interior e se, apesar disto, não se convença do meu acerto, rebata, quando quiser, o que julgar errado. Escutarei silencioso.

A quem possa corrigir os meus livros, desde que revele, que os compreendeu, renderei as homenagens do meu reconhecimento, porque neste mundo, tudo é passível de ser melhorado.

Quem renega **a priori** o que eu escrevo, renega, também, Deus, toda a Religião e a própria Natureza.

Dr. Krumm Heller – Gnose julho 1936



O Conhecimento da verdade

A maior de todas as forças espirituais, a que eleva o homem por cima de sua própria natureza animal e de toda ilusão, é o conhecimento da Verdade. Isso, entretanto, não quer dizer a compreensão de alguma teoria, mas a realização da Verdade dentro do próprio homem, sem qualquer referência a suas opiniões, teorias, fantasias ou presunção. O que realmente somos, sabemos-lo logo que o reconhecemos realmente e não necessitamos para “isso” de qualquer “explicação”. Todas as explicações e teorias servem tão somente para libertar-nos dos erros que nos impedem de conhecer a Verdade; “o

conhecimento verdadeiro não se pode obter pelo mero saber, mas pelo chegar a ser”. Um homem não pode revelar a Verdade a outro homem, a Verdade se revela por si mesma. Assim como no reino zoológico um animal se alimenta de outro, também no plano intelectual o homem se alimenta dos frutos que o outro tenha produzido no pomar de seus pensamentos. O Espírito de Deus é livre, e o homem que atingiu a consciência da Sabedoria, vive no conhecimento da Verdade, superior a todas as opiniões e teorias transitórias, em seu EU próprio, infinito e imortal. Um estado semelhante não é atingido por meio da fantasia, mas tão somente pela manifestação desta força espiritual interna.

A obscuridade não pode, por si mesma, produzir luz alguma. Manifestada a luz, desaparece a obscuridade. Do mesmo modo, da presunção do homem não pode proceder sabedoria alguma; si a sabedoria se manifesta, desaparecem presunção e as opiniões néscias. Portanto, a Sabedoria é uma força que vence a ignorância.

Uma segurança presunçosa de que tal ou qual coisa seja verdadeira, ainda que se apoie sobre as melhores bases, não é de modo algum o conhecimento próprio da Verdade. A Verdade não se torna conhecida ao homem senão quando se realiza nele mesmo; isto é, quando se revela em sua autoconsciência como força viva e se harmoniza com Ela, de modo que possa dizer em verdade, não somente “Eu reconheço o que é verdadeiro”, mas, também, “Eu sou a Verdade mesma”.

Isso não quer dizer que não se deva escutar teoria alguma, nem que seja preciso rechaçar cegamente a opinião de outrem. A teoria verdadeira é meio para a prática acertada, mas não é o próprio conhecimento. A primeira condição para o conhecimento da essência de qualquer das forças exteriores que nós mesmos não possuímos, mas não em

sua essência. Para conhecer a essência de qualquer coisa, torna-se necessário que seja uma parte de nossa própria essência; pois uma coisa pode tão somente reconhecer outra que lhe seja semelhante; ninguém pode ter consciência de coisa alguma fora de si mesmo e do que encerra em si mesmo. Ninguém pode saber o que seja a fome, si não a houver sentido; “ninguém conhece o amor senão aquele que o possui” ; o inconsciente não compreende a consciência, nem a morte compreende a vida. É inútil argumentar sobre a possibilidade de existir uma forma de consciência superior às ordinárias com aqueles que a não conheçam, porque ela não existe para os que não possuem nem percebem as coisas superiores.

Dr. Franz Hartmann – Gnose julho 1936



O Número

Credeis no número, base sobre a qual assentais o edifício das ciências que chamais exatas. Sem o número, não há matemáticas. Agora dizei-me, que ser misterioso, a quem fosse outorgada a faculdade de viver eternamente, poderia acabar de pronunciar, e em que linguagem bastante concisa poderia dizer, o número que contivesse todos os números infinitos cuja existência vos é revelada pelo pensamento? Perguntai-o ao mais belo dos gênios humanos, se este ficar assentado mil anos a bebericar numa mesa, que poderá responder-vos?

Não sabeis nem onde o número começa, sem onde pára, nem quando acabará. Aqui, o chamais de Tempo, lá de espaço; nada existe senão por ele; sem ele, tudo seria uma só e única substância, pois que só ele diferencia e qualifica.

O número é para o vosso espírito o que é para a matéria; um agente incompreensível - SERÁ UM SER? Será um sopro emanado de Deus para organizar o universo material, no qual nada adquire forma senão pela Divisibilidade, que é um efeito do número?

Tanto as ínfimas como as imensas criações apenas se distinguem por suas quantidades, qualidades, dimensões e forças – todas estas, atributos criados pelo número. O infinito dos números é um pacto comprovado para vosso espírito, si bem que nenhuma prova possa ser materialmente fornecida. O matemático vos dirá que o infinito dos números existe, e não se demonstra; Deus é um número dotado de movimento – que se sente, e não se demonstra. Como a Unidade, começa números com os quais nada tem de comum. A existência do número depende da Unidade que, sem ser um número, gera todos eles. Deus é uma magnífica unidade que nada tem de comum com suas criações – e no entanto, as cria.

Por que, se credeis no número, negais Deus? Não é a criação colocada entre o infinito das substâncias desorganizadas e o infinito das esferas divinas, assim como a unidade se acha entre o infinito das frações que chamais decimais e o infinito dos números que chamais inteiros? Sois os únicos na Terra a compreender o número, este primeiro degrau do peristilo que leva até Deus, e já vossa razão tropeça. Ora, não podeis nem medir a primeira abstração que Deus vos revelou, nem interpretá-la, e quereis submeter a vossa alçada os desígnios de Deus!

O que aconteceria então se eu vos mergulhasse nos abismos do movimento, esta força que organiza o número? O que aconteceria se eu acrescentasse, que o movimento e o número são gerados pela Palavra? Este nome, a razão suprema dos videntes e dos profetas que sentiram outrora o sopro de Deus sob o qual caiu São Paulo, escarneceis dele, vós, homens de quem, no entanto, todas as obras visíveis, as sociedades, os

monumentos, os atos, as paixões procedem de vossa fraca palavra, e que sem a linguagem seriéis tão semelhante a esta espécie vizinha do primitivo, o homem dos bosques.

Credeis, então, firmemente no número e no movimento, força e resultado inexplicáveis? Prossigamos – Apoderastes-vos de um lugar no infinito do Número, o acomodastes a vosso tamanho criando - se é que podeis criar alguma coisa - a aritmética, base sobre qual tudo repousa, até vossas sociedades.

Assim como o número, única coisa em que acreditaram os vossos supostos ateus, organiza as criações físicas, da mesma forma a aritmética, emprego do número, organiza o mundo moral. Esta numeração deveria ser absoluta, como tudo aquilo que é verdadeiro em si: no entanto, é puramente relativa, não existe absolutamente, não podeis dar prova alguma de sua realidade.

Em primeiro lugar, se esta numeração é hábil em cifrar as substâncias organizadas, é impotente no que diz respeito as forças organizantes, umas sendo finitas e as outras infinitas.

O homem, que concebe o Infinito por meio de sua inteligência, não saberia manejá-lo na sua integridade, se o soubesse, seria Deus.

Assim vossa numeração aplicada a coisa finitas e não ao infinito, é verdadeira com relação aos detalhes que percebeis; é falsa, porém, com relação ao conjunto que não percebeis... Por exemplo, nunca encontrais em parte alguma na Natureza, dois objetos absolutamente idênticos; por conseguinte, na ordem natural das coisas, dois e dois nunca podem fazer quatro, pois para isso seria preciso reunir unidades exatamente iguais, e sabeis muito bem ser impossível encontrar duas folhas iguais sobre a mesma árvore, ou dois exemplares rigorosamente semelhantes entre a mesma espécie de árvore.

Este axioma de vossa numeração, falso na natureza visível, é também falso no universo invisível de vossas

abstrações, onde se verifica a mesma variedade nas vossas idéias, que são as coisas do mundo visível, entendidas, porém, pelas suas relações; assim, as divergências são ainda mais acentuadas ali que em qualquer outro sentido. Com efeito, tudo ali sendo relativo ao temperamento, à força, aos costumes, aos hábitos dos indivíduos, os quais nunca se parecem uns com os outros, os menores objetivos vão representar sentimentos pessoais.

Se o homem conseguiu criar unidades, não é verdade que o fez dando um peso e um título igual a pedaços de ouro. Pois bem, podeis reunir o ducado do pobre ao do rico e dizer ao Tesouro Público que são duas quantias iguais; mas, aos olhos de pensador, uma é certamente mais valiosa do que a outra; pois uma representa um pouco de felicidade; a outra, o mais efêmero capricho.

Por conseguinte, dois e dois fazem quatro por uma abstração falsa e monstruosa.

A fração, tão pouco, existe na Natureza, onde o que denominais fragmento é uma coisa finita em si... O número, com seus infinitamente pequenos e suas totalidades infinitas é, portanto, uma potência da qual conheceis pequena



parte, mas cujo alcance vos é inacessível.

Construístes uma choupana para vós no infinito dos números, a ornamentastes de hieróglifos sabiamente arrumados e pintados e gritastes: "Tudo está aqui".

H. de Balzac – Gnose julho 1936